

Os mapas de propaganda durante a Guerra Fria (1947-1991): uma revisão cartográfica

Gustavo Augusto Andrade de Oliveira - Mestrando em Geografia – Tratamento da Informação Espacial pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

(gustavo_andradeoliveira@outlook.com)

Henrique Fonseca Mundim - Graduando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (henriquefmundim@gmail.com)

Resumo: O conhecimento cartográfico está presente no cotidiano dos seres humanos, sendo os mapas uma das expressões emblemáticas no imaginário coletivo. Os mapas, por sua vez, se diferenciam em conteúdo e forma. Isto posto, realizou-se uma revisão bibliográfica a respeito da Ciência Cartográfica para melhor compreender a evolução do conhecimento cartográfico, apoiando-se, principalmente, nas contribuições de Monmonier (1991), Le Sann (2005), Castro (2012) e Martinelli e Graça (2011). Diante disso, apresentou-se uma discussão sobre a tipologia dos mapas de propaganda, analisando cinco exemplos do período de Guerra Fria (1947-1991). Por fim, notou-se que os mapas de propaganda foram estratégicos como meios de comunicação persuasivos no período da Guerra Fria, transmitindo mensagens político-ideológicas para a população.

Palavras-chave: Cartografia. Mapas de propaganda. Guerra Fria.

Propaganda maps during the Cold War (1947-1991): a cartographic revision

Abstract: Cartographic knowledge is present in the daily lives of human beings, with maps being one of the emblematic expressions in the collective imagination. The maps, in turn, differ in content and shape. To this end, a bibliographic review was carried out regarding Cartographic Science in order to better understand propaganda maps, based mainly on the contributions of Monmonier (1991), Le Sann (2005), Castro (2012) and Martinelli and Graça (2011). In this sense, a discussion was presented on the typology of propaganda maps, analyzing five examples from the Cold War period (1947-1991). Finally, it was noted that propaganda maps were strategic as persuasive means of communication in the Cold War period, transmitting political-ideological messages to the population.

Key-words: Cartography. Propaganda maps. Cold War.

1 INTRODUÇÃO

Dados anteriormente à escrita, as representações espaciais constituíam uma comunicação incipiente dos seres humanos e marcavam o nascimento do conhecimento

cartográfico no período neolítico (CAMARGOS, 2012). Aos poucos, as representações espaciais adquiriam um papel estratégico na transmissão de informação e, acompanhando o crescimento do nível tecnológico das sociedades, sua materialização passava a ser realizada em suportes materiais diversos, seja em tábuas cuneiformes babilônicas, seja em antigos papiros egípcios (BROWN, 2018b).

Com o tempo, as técnicas cartográficas se desenvolveram no corpo de uma ciência que abrangia múltiplas análises da informação espacial (BROWN, 2018b). A Ciência Cartográfica se aplicava, e ainda se aplica, em qualquer realidade, colaborando para a compreensão da totalidade do espaço geográfico. Isto posto, sua principal expressão está atrelada aos mapas, considerados comumente uma linguagem cartográfica intrínseca à experiência humana, tornando-se elementos-chave na história da humanidade. Mas, afinal, o que é um mapa? Muitas evidências científicas apontam que a noção de mapa é (in)constante, assumindo diferentes formas e representando diversos conteúdos (BROWN, 2018c).

Do final do século XIX até a metade do XX o uso de mapas como instrumento de propaganda alcançou novos níveis de sofisticação. Distanciando-se claramente da tradição precedente, a própria cartografia se tornava menos importante que a mensagem transmitida. A subordinação a uma ideia poderosa diminuía a importância de convenções cartográficas consagradas como a precisão geográfica, as projeções modernas e as dimensões regulamentares. Consequentemente, muitos desses mapas adotaram distorções geográficas grosseiras para defender seus pontos de vista, com frequência adquirindo aparência bizarra (BROWN, 2018c, p. 4).

Nesta discussão, determina-se uma das tipologias cartográficas que divergem da expectativa geral quanto à forma e ao conteúdo de um mapa: os mapas de propaganda. Estes são considerados, muitas vezes, elaborações *livres* que flexibilizam as convenções cartográficas e estimulam a liberdade criativa de quem o elabora. Portanto, enseja-se uma análise dos mapas de propaganda na Guerra Fria (1947-1991). Para tanto, pretende-se apresentar as cartografias e suas respectivas expressões abordadas pela Ciência Cartográfica para, posteriormente, adentrar a discussão dos mapas de propaganda e seu papel na Guerra Fria (1947-1991) a partir de cinco exemplos selecionados na coleção digital da biblioteca da Universidade de Cornell.

2 CIÊNCIA CARTOGRÁFICA

A Cartografia é um conhecimento tão antigo quanto outras formas de expressão que os seres humanos utilizavam para se comunicar. Em outrora, a experiência cartográfica, amparada por desenhos, apontava uma condição de (re)conhecimento do território e contribuía para a preservação dos povos. As representações cartográficas correspondiam a uma necessidade vital, cooperando com o trabalho humano, definindo lugares de ações, entre outros (MARTINELLI; GRAÇA, 2011).

O período das grandes navegações ressaltava, ainda mais, a importância das representações cartográficas que indicavam os domínios dos mares (SERVELLO, [201?]). A atividade cartográfica assumia um papel estratégico no desenvolvimento dos países europeus que almejavam a conquista de novas rotas comerciais e, conseqüentemente, novos mercados para seus produtos. Camargos (2012, p. 3) complementa que “a Cartografia sempre fez parte de variados momentos da humanidade, mostrando sua importância em ações de planejamento e gestão territorial”.

Em complemento, Brown (2018a) frisa que os mapas de temáticas científicas apareciam no século XVI e, desde então, estão presentes no cotidiano da sociedade. Esse intervalo é essencial para a promoção do mapa como produto científico;

Inicialmente, eram desenhados para representar teorias geológicas, oceanográficas, climáticas e geográficas. Depois, transformaram-se em expressões de descobertas científicas consolidadas e homenagens à importância da civilização moderna (BROWN, 2018a, p. 4).

Até o século XVII, a Cartografia se preocupava com a representação da Terra em sua totalidade na medida que se reconheciam novos lugares. Mais tarde, seu escopo se restringia com a representação de espaços menores com mais detalhes, atendendo aos propósitos da administração e dos conflitos armados. Iniciava-se a cartografia sistemática que direciona a elaboração de mapas mais precisos e com escala grande, sendo responsável pelos mapas de base também (SERVELLO, [201?]).

2.1 Cartografia Sistemática

A cartografia de base é um dos ramos da Cartografia reconhecida como cartografia geral, de referência ou sistemática (MARTINELLI; GRAÇA, 2011). A cartografia sistemática se ocupa com a representação da superfície tridimensional da Terra no plano e,

para tanto, utiliza um padrão de convenções e escalas que possibilita o equilíbrio da representação altimétrica (curvas de nível e pontos cotados) e planimétrica (hidrografia, vegetação e rede viária), melhorando a percepção e a interpretação das feições gerais da superfície terrestre representada (CASTRO, 2012).

Para atender a necessidade de localização precisa dos elementos espaciais, a cartografia sistemática introduz a carta topográfica como um produto resultante de recobrimentos aerofotogramétricos, sendo um “[...] elemento estratégico de referência e importante instrumento para os planejamentos ambiental, urbano e regional” (CASTRO, 2012, p. 51). Em concordância com Castro (2012), Le Sann (2005) complementa que a carta – topográficas, náuticas e aeronáuticas – leva em consideração a latitude e a longitude na representação das posições e formas dos objetos reais e, algumas vezes, a altitude ou a profundidade, garantindo uma maior precisão.

Estruturalmente, as cartas topográficas contam com três componentes: de proporção, com a escala; de sistematização, com a série cartográfica; e de referência, com as coordenadas esféricas (latitude e longitude) e planas (UTM). Reforça-se a escala como componente cartográfico que determina a proporção entre os elementos representados na carta e os elementos equivalentes na realidade, considerada indispensável nas medições sobre uma representação no plano e podendo ser apresentada de duas formas: numérica e gráfica (CASTRO, 2012). Isto posto, a utilização da escala na forma gráfica é a mais recomendada para caso ocorra alguma reprodução da carta, reduzindo-a ou ampliando-a:

As escalas gráficas não são apenas os meios mais úteis de comunicar a escala dos mapas, mas também os mais seguros. As escalas gráficas são particularmente seguras quando um editor de jornal ou revista pode reduzir ou ampliar o mapa sem consultar o cartógrafo (MONMONIER, 1991, p. 7, tradução nossa¹).

2.2 Cartografia Temática

Entre o final do século XVIII e início do século XIX, outros ramos da Cartografia eram desenvolvidos com o amadurecimento e a sistematização do conhecimento científico. Tendo como domínio os mapas temáticos, a cartografia temática é considerada

¹ *Graphic scales are not only the most helpful means of communicating map scale but also the safest. Graphic scales are particularly safe when a newspaper or magazine publisher might reduce or enlarge the map without consulting the mapmaker (MONMONIER, 1991, p. 7).*

um ramo da Cartografia que está posicionada ao lado da cartografia sistemática e, embora tenha se desenvolvido posteriormente, as duas não são independentes, mas, sim, complementares (MARTINELLI; GRAÇA, 2011). “A cartografia é chamada temática quando traz significados além da trilogia latitude, longitude, altitude” (LE SANN, 2005, p. 62).

Como a própria denominação infere, a cartografia temática aporta em suas representações gráficas diversos temas geográficos, com ou sem a expressão física no espaço, tendo como sua principal preocupação o conteúdo. “Os elementos espaciais na cartografia temática são representados por meio de documentos, sejam analíticos, sejam sintéticos, frutos do pensamento e das escolhas de um especialista” (LE SANN, 2005, p. 61). Entretanto, se apresentou um desafio para a cartografia temática que indicava a necessidade de padronização da legenda. Da mesma forma que a linguagem escrita pode relatar complicações em sua estrutura e em seu conteúdo, a linguagem gráfica também o pode fazer (ARCHELA, 2001).

Assim, uma importante mudança nos paradigmas da linguagem cartográfica esteve atrelada ao surgimento da Semiologia Gráfica com a publicação do livro *Sémiologie Graphique* do francês Jacques Bertin em 1967 (LE SANN, 2005). Essa nova corrente da Cartografia se apresentava como uma resposta aos problemas de comunicação que os mapas reproduziam, tornando-os ininteligíveis e dificultando a compreensão do conteúdo representado. “A semiologia gráfica pode ser compreendida como um conjunto de diretrizes que orientam a elaboração de mapas temáticos com o uso de símbolos caracterizadores da informação” (ARCHELA, 2001, p. 45).

Com os pressupostos da semiologia gráfica, a compreensão dos signos como elementos linguísticos do sistema de informação cartográfica é uma obrigação do cartógrafo. “Os signos são compostos por significante (expressão) e significado (conteúdo)” (ARCHELA, 2001, p. 45). Dessa forma, a semiologia gráfica corresponde a uma gramática da cartografia temática, respeitando as relações existentes entre os dados de uma mesma informação. Archela (2001, p. 46) reforça sua importância para o usuário do mapa:

A semiologia gráfica embasa a construção de mapas e gráficos a partir de uma gramática que se apoia na percepção visual. Quando estas construções obedecem às regras da gramática gráfica, a visualização é imediata e a construção gráfica deixa de ser uma simples ilustração (ARCHELA, 2001, p. 46).

De acordo com Le Sann (2005), os símbolos chamados de variáveis visuais são

traduções do tema representado no mapa. Na construção da semiologia gráfica, Jacques Bertin reconhece seis variáveis visuais descritos no quadro 1: tamanho, valor, granulação, cor, orientação e forma. Para selecionar a variável visual, deve-se verificar o nível de organização da informação a ser representada, podendo ser seletiva, ordenada ou quantitativa. “Assim, uma informação quantitativa precisa ser traduzida por meio de uma variável visual quantitativa. Uma informação ordenada, por meio de uma variável ordenada” (LE SANN, 2005, p. 63).

Quadro 1: Variáveis visuais e respectivas propriedades perceptivas

Variáveis Visuais		Propriedade Perceptiva Mais Significativa
Tamanho		Quantitativa - manifestação pontual, linear e zonal
Valor		Ordenada - manifestação pontual, linear e zonal
Granulação		Ordenada - somente manifestação zonal com legenda de até quatro classes
Cor		Seletiva - manifestação pontual, linear e zonal
Orientação		Seletiva - manifestação pontual e zonal com legenda de até quatro classes
Forma		Seletiva - manifestação pontual

Fonte: Rosolém (2017) adaptado de Bertin (1973).

Uma vez identificado o nível de organização e recorrido a uma variável visual apropriada, prossegue o modo de implantação que pode ser pontual, linear ou zonal;

[...] uma cidade será representada por um ponto ou uma área, dependendo da escala de representação. Rios, limites e vias serão representados por linhas, densidades e quaisquer informações, ocupando uma área, no modo de implantação zonal (LE SANN, 2005, p. 64).

Esse esforço orientado pela semiologia gráfica ressalta a importância do tratamento da informação cartográfica para a elaboração e a compreensão do mapa. Isso garante alta legibilidade das representações gráficas e evita ambiguidade na comunicação cartógrafo-usuário. Archela (2001) acrescenta que os componentes externos da informação devem favorecer a compreensão imediata do mapa: título, subtítulo, escala, orientação, legenda, fonte e data dos dados.

2.3 Cartografia Analítica

No final do século XX, no pós-Segunda Guerra Mundial, a cartografia analógica era, aos poucos, substituída pela cartografia analítica e, uma vez que os avanços das ferramentas computacionais eram impulsionados, o campo da Geografia se incorporava aos novos meios. “Houve uma verdadeira revolução nas técnicas cartográficas: passou-se da caneta à tinta nanquim para o mouse do computador” (LE SANN, 2005, p. 61).

2.3.1 Cartografia Digital

De acordo com Oliveira e Almeida (2009), a Cartografia no meio digital se desenvolvia nos Estados Unidos na década de 1960. E, com “[...] o aumento da capacidade de processamento dos computadores e a diversidade de métodos de captura de dados, houve um grande avanço também no desenvolvimento dos *softwares* para tratar a informação cartográfica” (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2009, p. 11).

Não obstante os avanços tecnológicos, Le Sann (2005) enfatiza que a cartografia automatizada podia ser comparada a uma caneta sofisticada e que os mesmos erros que ocorriam na cartografia analógica poderiam ser repetidos. Assim sendo, o tratamento da informação espacial deveria ser mantido, continuando a análise crítica dos temas para a estruturação de uma legenda eficaz. Em outras palavras, a mudança do analógico ao digital não isentava a criticidade do cartógrafo na elaboração do mapa.

Embora a atenção e a crítica devessem ser mantidas no âmbito digital, notava-se uma outra possibilidade com a informação espacial para além da elaboração dos mapas: a sobreposição das informações armazenadas que garantia uma análise sobre os dados, resultando em novas informações. Nesse contexto, surgem os Sistemas de Informação Geográfica (SIG): “sistema baseado em computador, que permite coletar, manusear e analisar dados geográficos (georreferenciados)” (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2009, p. 11).

2.3.2 Sistema de Informação Geográfica (SIG)

Como o próprio nome sugere, o Sistema de Informação Geográfica (SIG) corresponde a uma tipologia de sistema de informação, composto pelos seguintes elementos: tecnologia (equipamentos e programas), banco de dados (imagens, mapas, dados estatísticos...) e pessoal (usuários treinados, manutenção e suporte técnico). Entretanto, a

evolução do SIG tem sido percebida não somente como um *software*, mas, sim, “[...] uma estrutura organizacional voltada à obtenção de informações” (DANTAS; TACO; YAMASHITA, 1996, p. 212).

A necessidade de transformação de dados numéricos, ou não, em novas informações estava imposta e guiava o desenvolvimento do SIG até alcançar sua atual capacidade de análise espacial; armazenando, manipulando, visualizando e operando dados georreferenciados. Um SIG desempenha um duplo papel: atua na elaboração de mapas de análise espacial e como banco de dados geográficos, propiciando o armazenamento e a recuperação da informação espacial (DANTAS; TACO; YAMASHITA, 1996).

Teixeira, Moretti e Christofolletti (1992, p. 7) acrescenta que a localização específica do fenômeno é apenas uma parte da análise espacial. O SIG permite estudos complexos com outros aspectos e, até mesmo, com fenômenos distintos entre si, podendo ser associados e “[...] representados em sua interação e evolução, abrangendo-se toda a complexidade do sistema, inclusive a dimensão temporal”. Assim, a superposição de informações é comum nas representações gráficas de SIG, produzindo uma necessidade de setorização dos dados (TEIXEIRA; MORETTI; CHRISTOFOLETTI, 1992, p. 7).

O produto gráfico de um SIG resulta da superposição de níveis de informações que ocupam um mesmo espaço na íntegra ou parcialmente, agregando-se um peso ou um significado, frutos do pensamento e das escolhas de vários especialistas. O documento final apresenta uma síntese de todos os pesos ou significados atribuídos pelos diversos especialistas. Isso significa que duas representações semelhantes podem ter significados diversos; apenas suas resultantes ficaram iguais. Assim, um ponto de peso 5, por exemplo, pode ser a resultante de $3 + 2 + 0$, ou $1 + 2 + 2$, ou ainda, $0 + 2 + 3$, etc. Por isso um produto de SIG não pode ser visto como um mapa temático. **O leitor precisa entender os diversos pesos e suas possíveis combinações** (LE SANN, 2005, p. 61, grifo nosso).

3 MAPAS DE PROPAGANDA

Monmonier (1991) reafirma que os mapas têm três atributos básicos que descrevem suas possibilidades e suas limitações: a escala, a projeção e o símbolo. Esses três atributos são passíveis de distorções que ocasionam ambiguidade na leitura. Isto posto, “ninguém pode usar ou fazer mapas seguramente e efetivamente sem compreender sua

escala, sua projeção e seus símbolos” (MONMONIER, 1991, p. 5, tradução nossa²).

Não obstante as convenções cartográficas, Brown (2018c) complementa que os cartógrafos raramente elaboram mapas sem um propósito pré-determinado, isto é, as representações gráficas estão impregnadas pela própria visão dele sobre o mundo, embasando-se em inúmeras referências, como informações científicas, valores religiosos e ideologias. “Por trás do criador dos mapas se esconde um conjunto de relações de poder, que cria suas próprias especificações” (HARLEY, 2009, p. 9).

Nota-se que há um planejamento intelectual prévio na elaboração de mapas, mas alguns deles são pensados objetivando a persuasão de valores, implícitos ou explícitos, em seu conteúdo, mobilizando o usuário. Esses mapas são classificados como de propaganda. Embora não sejam considerados recentes, os mapas de propaganda se destacavam como uma arma intelectual da ideologia da Alemanha nazista no contexto de Segunda Guerra Mundial (MONMONIER, 1991).

Adaptando as projeções individuais, manipulando as escalas, aumentando excessivamente ou deslocando os sinais ou a topografia, utilizando cores com forte poder emotivo, os elaboradores de mapas de propaganda foram defensores de uma visão geopolítica de único sentido. Seus mapas fizeram parte do arsenal da guerra psicológica que era a moeda corrente muito antes da sua utilização pelos geopolíticos nazistas (HARLEY, 2009, p. 10).

Na perspectiva geopolítica, os objetivos dos mapas de propaganda são diplomáticos e militares. Monmonier (1991) pontua que o propagandista sabe moldar a opinião do usuário e, como os mapas são objetos que historicamente guardam no imaginário coletivo o sentimento de proteção e de (re)afirmação, sua manipulação se mostra simplificada. Uma outra característica dos mapas de propagandas é assinalada: a representação livre que omite elementos como escala, legenda e orientação a fim de que a interpretação do conteúdo seja feita por qualquer usuário (COSTA, 2006).

O propagandista utiliza outros elementos cartográficos para ter impacto visual e acessar o inconsciente do usuário, reafirmando o poder subjetivo dos mapas com projeções distorcidas e símbolos provocativos. Harley (2009, p. 10) ressalta que as distorções cartográficas se davam “[...] por motivos de segurança nacional, de concorrência política ou de necessidade comercial [...]”, mas que, ainda hoje, seguem sendo praticadas. “Às vezes, os mapas de propaganda tentam fazer com que um país ou região pareça grande e importante

² *No one can use maps or make maps safely and effectively without understanding map scales, map projections, and map symbols* (MONMONIER, 1991, p. 5).

e, às vezes, tentam fazê-lo parecer pequeno e ameaçado” (MONMONIER, 1991, p. 94, tradução nossa³).

Em razão da simplificação do conteúdo, a estruturação dos mapas de propaganda é, em sua maioria, feita em pequena escala, possibilitando uma generalização dos fenômenos com o propósito de preenchimento dos espaços vazios (COSTA, 2006). De acordo com Monmonier (1991), os símbolos são recorrentes na cartografia propagandista, mas alguns se mostram como favoritos: a flecha, a bomba, o círculo e os nomes de lugares; dentre estes, as flechas costumam ser mais sugestivas e convincentes. Do ponto de vista gráfico e iconográfico, as representações costumam ser sofisticadas (COSTA, 2006).

4 MAPAS DE PROPAGANDA NA GUERRA FRIA (1947-1991)

Como mencionado, selecionam-se cinco mapas de propaganda que foram veiculados durante a Guerra Fria (1947-1991) da coleção digital “Mapas Persuasivos: Coleção PJ Mode” disponível na biblioteca da Universidade de Cornell. A Guerra Fria se refere a um período do século XX em que a situação geopolítica estava caracterizada pela imprecisão dos conceitos de guerra e paz, uma vez que o mundo estava “[...] dividido sob as esferas de influência das duas superpotências, uma capitalista, no Oeste, e uma socialista, no Leste. *Nascia, assim, um mundo bipolar*” (COSTA, 2013, p. 223, grifo nosso). Assim, o contexto definido indica uma forte tensão ideológica mundial que estimulava a elaboração dos mapas de propaganda.

Em quase cinco décadas, não houve conflito direto entre as duas superpotências – Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) – mas isso não significa que tenha sido um período calmo; corridas armamentista e espacial, guerras e revoluções, surgimento de novas nações e fim de outras assinalavam o tom da Guerra Fria. Esta seria concluída com a desintegração da URSS em 1991, marcando o fim da geopolítica da bipolaridade, mas não o fim das disputas entre as duas potências (OLIVEIRA, 2019).

No mapa 1, *Two worlds 1950*, nota-se a divisão do mundo em dois grandes blocos de Estados, destacando a grandeza da liderança socialista: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A utilização da projeção polar norte chama a atenção para um exagero da

³ *Sometimes propaganda maps try to make a country or region look big and important, and sometimes they try to make it look small and threatened* (MONMONIER, 1991, p. 94).

extensão territorial da China e, em particular, da URSS, ampliando o tamanho da ameaça comunista no mundo. Em relação ao objetivo do mapa de propaganda, não somente a extensão territorial da URSS é evidenciada, mas, também, sua posição tão próxima aos Estados Unidos da América (EUA), alertando os estadunidenses que o inimigo estava próximo (MODE, [2017?]).

Mapa 1: *Two worlds 1950*, de Robert M. Chapin



Fonte: Cornell University Library, Mode ([2017?]).

Do ponto de vista geopolítico, o mapa de propaganda de Robert M. Chapin, com o apoio da publicação na revista *Time Magazine*, despertava o medo do povo estadunidense durante a Guerra Fria, os quais, conseqüentemente, acabavam concordando com os programas anticomunistas internacionais, como a Doutrina Truman e o Plano Marshall (STONE, 2007 citado por MODE, [2017?]). Assim, a propaganda acessava o coração e a mente da população, adquirindo o apoio necessário para prosseguirem com os planos governamentais contra o inimigo comum.

No mapa 2, *Prima di dare il voto, Ricorda Berlino!*, há uma apresentação diferente do mapa de propaganda, assemelhando-se mais a um cartaz de propaganda propriamente dito. Ainda assim, considerando a premissa da tipologia cartográfica aqui discutida, a construção gráfica do mapa 2 permite realizar uma leitura clara e direta do conteúdo proposto, apoiando-se, principalmente, no elemento textual em sua estrutura e na representação da cidade de Berlim, capital da Alemanha, sendo o Estado que mais sentiu a presença da Guerra Fria (COSTA, 2013).

Mapa 2: *Prima di dare il voto, Ricorda Berlino!*, de Aurelia



Fonte: Cornell University Library, Mode ([2017?]).

Com a representação de Berlim dividida pelo muro, o mapa 2 ressalta um argumento incisivo: “Oeste: Democracia, Liberdade, Prosperidade. Leste: Comunismo, Terror, Miséria e um Muro de Vergonha”. Utilizado em uma campanha eleitoral italiana na década de 1960, o mapa encaminhava uma mensagem com apelo psicológico, romantizando Berlim Ocidental como próspera e movimentada em contraste com a desolação que assombrava Berlim Oriental (MODE, [2017?]). De fato, o conteúdo representava o espírito da disputa pela perspectiva capitalista.

No mapa 3, *Voici les bases américaines dans le monde*, a narrativa da Guerra Fria é redirecionada, apontando a União Soviética e a China como alvos das bases americanas e/ou aliados militares. Em 1951, publicado pelo Partido Comunista Francês, o mapa abusa da utilização textual na transmissão do conteúdo com o apoio do símbolo favorito da cartografia de propaganda: a flecha. Em defesa, um dos textos argumenta que: “Desde o esmagamento de Hitler, nenhum soldado da URSS ou das democracias populares disparou um único tiro fora das fronteiras de seu país” (MODE, [2017?]).

Mapa 4: *How communists menace vital materials*, do Instituto de Pesquisa da América



Fonte: Cornell University Library, Mode ([2017?]).

A noção norte-americana do comunismo é intensificada nas informações da legenda, agrupando um apanhado de argumentos que endossavam a demonização das ideias socialistas na sociedade e dos locais onde se infiltravam, especificando alguns ambientes que eram criticados historicamente, por exemplo: as universidades e os sindicatos. Paradoxalmente, a acusação dos EUA sobre o bloco socialista é colonialista. Ao longo do século XX e, especialmente no pós-Segunda Guerra Mundial, os EUA exerciam o imperialismo⁴ sobre diversas regiões no globo, sobretudo na América Latina; um exemplo é o Investimento Direto Estrangeiro (IED) que cresceu constantemente no século XX, sendo os EUA responsáveis por aproximadamente 60% dos investimentos estrangeiros no mundo na década de 1960 (CAMPOS, 2015).

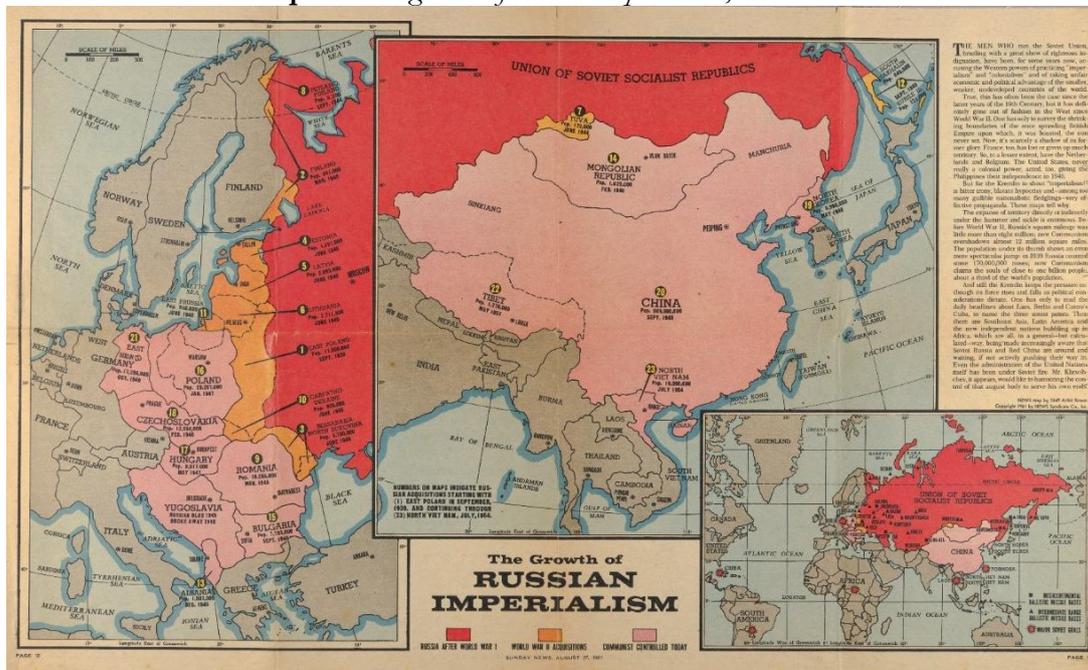
No mapa 5, *The growth of russian imperialism*, aponta-se a imponência da URSS e sua área de influência nos continentes europeu e asiático, principalmente. A legenda indica três fases do crescimento da URSS: a Rússia pós-Primeira Guerra Mundial em vermelho; as aquisições na Segunda Guerra Mundial em amarelo; e as áreas comunistas controladas durante a Guerra Fria em rosa. Uma sugestão de que o crescimento do poder terrestre soviético era uma ameaça aos EUA e um sinal perigoso do que a teoria do *heartland*⁵ de H. J.

⁴ Compreende-se por imperialismo a ocupação territorial e a criação de dependência político-econômica entre diferentes Estados (CAMPOS, 2015).

⁵ Com o *heartland* sob a forma da URSS, eles estariam próximos do controle mundial. Mackinder afirmava que quem dominasse a Europa Oriental comandaria o *heartland*, quem dominasse o *heartland* comandaria o *world-island*, quem dominasse o *world-island* comandaria o mundo (COSTA, 2013).

Mackinder alertava no início do século XX. Além dos territórios identificados pelas três cores, há um mapa-múndi no canto inferior direito demarcando as bases soviéticas, sinalizando sua operação ultramar.

Mapa 5: *The growth of russian imperialism*, de Krauss



Fonte: Cornell University Library, Mode ([2017?]).

Os símbolos cartográficos mais utilizados são os círculos e os nomes dos lugares, sendo estes referentes aos territórios anexados à URSS ao longo do século XX. Tal crescimento associado ao imperialismo soviético compartilha algumas incoerências quanto ao conteúdo, por exemplo: as conferências de Teerã, Ialta e Potsdam realizadas entre EUA, URSS e Reino Unido no contexto da Segunda Guerra Mundial e dos anos posteriores redesenharam as fronteiras mundiais (LUCKHURST, 2020). Logo, o mapa 5 propaga uma política pró-EUA e sua aliança capitalista, defendendo-se com argumentos sobre eventos e dados mascarados.

O desmantelamento da URSS em 1991 provocava uma grande perda geopolítica no século XX: sua extensão territorial e suas defesas naturais (montanhas e estepes). O mapa político da Eurásia apresentava uma nova reconfiguração de Estados que se originavam com o fim das repúblicas soviéticas, que haviam perdido, até mesmo, o núcleo original do Principado de Kiev, atual Ucrânia. “Talvez nunca antes em tempos de paz a Rússia tenha se visto em tamanha vulnerabilidade geográfica” (KAPLAN, 2013, p. 179). Ainda um sentimento presente, a recuperação do controle do *heartland* se tornava uma questão

emergente à espera de um momento oportuno, isto é, de um momento em que os territórios que asseguravam a segurança nacional russa retornassem a sua configuração anterior, ou mesmo, semelhante a ela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento cartográfico revela-se como uma importante referência na comunicação entre os seres humanos, estando presente em muitos momentos nevrálgicos na história da humanidade. No campo científico, a evolução das representações cartográficas demonstra inúmeras modificações nas formas e nos conteúdos que se adaptam ao propósito do cartógrafo e ao contexto em voga. Na discussão proposta, definiu-se os mapas de propaganda e o seu papel durante a Guerra Fria (1947-1991), acentuando a necessidade de alfabetização cartográfica da população para que a leitura e a interpretação sobre eles não sejam levianas.

Abandonando as convenções cartográficas, os mapas de propaganda expressam a criatividade dos cartógrafos e incorporam informações deliberadamente distorcidas da realidade para a disseminação de determinadas narrativas. Nesses esforços, quase que artísticos, os mapas de propaganda se tornam elementos característicos de períodos conflituosos – guerras, por exemplo – empenhando-se na transmissão de mensagens apelativas e persuasivas do governo para a população. Na Guerra Fria, utilizaram-se os mapas de propaganda intensamente para a difusão de valores político-ideológicos dos dois lados envolvidos: os EUA e a URSS; o conteúdo representado nos mapas rapidamente seduzia aquela população para a qual eram destinados, aderindo uma determinada ideologia e legitimando as ações governamentais.

Especificamente sobre a Guerra Fria, abre-se uma breve reflexão sobre os resquícios no cenário geopolítico global que, mesmo com o fim da ordem mundial bipolar, o mundo continua presenciando desdobramentos político-militares das grandes potências atuais, como a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022. Após alertas russos sobre a possibilidade de alinhamento da Ucrânia com a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) – aliança político-militar liderada pelos EUA que rivalizava com o Pacto de Varsóvia da URSS durante a Guerra Fria – uma *nova* tensão no continente europeu se instalou, reforçando o esfriamento das relações do Ocidente com a Rússia.

REFERÊNCIAS

ARCHELA, R. S. Contribuições da semiologia gráfica para a cartografia brasileira. *Geografia*, Londrina, v. 10, n. 1, p. 45-50, jan./jun. 2001. Disponível em: <<https://bitly.com/YrbsZ>>. Acesso em: 08 mar. 2020.

BROWN, K. J. *A cartografia e as novas ciências da terra: teorias e descobertas representadas nos mapas*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018a. (Coleção Folha O Mundo pelos Mapas Antigos).

_____. *O nascimento da cartografia: da Roma antiga à era dos descobrimentos*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018b. (Coleção Folha O Mundo pelos Mapas Antigos).

_____. *Os mapas como arma política: distorções geográficas e apelo ao idealismo nacionalista*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018c. (Coleção Folha O Mundo pelos Mapas Antigos).

CAMARGOS, L. A. *Análise semiológica, cartométrica e toponímica do mapa da Província de Minas Gerais (1862): uma contribuição aos estudos de cartografia histórica e SIG*. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2012.

CAMPOS, F. A. Imperialismo e internacionalização dos mercados latino-americanos nos anos 1950. *Revista Economia Ensaios*, Uberlândia, v. 30, n. 1, p. 7-34, dez. 2015. Disponível em: <<https://bitly.com/qcSEY>>. Acesso em: 28 maio 2021.

CASTRO, J. F. M. *História da cartografia e cartografia sistemática*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012.

COSTA, N. S. Cartografia de propaganda e unidade geográfica do império (C. 1920 - 1945). *Africana Studia*, Porto, [s.v.], n. 9, p. 41-68. 2006. Disponível em: <<https://bitly.com/GbPsO>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

COSTA, W. M. *Geografia política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

DANTAS, A.; TACO, P.; YAMASHITA, Y. Sistemas de informação geográfica em transportes: o estudo da arte. 1996. In: Congresso da Associação de Pesquisa e Ensino em Transportes (ANPET), 10., 1996, Brasília. *Anais eletrônicos...* Brasília: ANPET, 1996. Disponível em: <<https://bitly.com/UVLwb>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

HARLEY, D. Mapas, saber e poder. *Confins*, [s.l.], v. 5, [s.n.], p. 1-24, abr. 2009. Disponível em: <<https://bitly.com/TPWIk>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

KAPLAN, R. D. *A vingança da geografia: a construção do mundo a partir da perspectiva geográfica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

LE SANN, J. G. O papel da cartografia temática nas pesquisas ambientais. *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v. 16, [s.n.], p. 61-69. 2005. Disponível em: <<https://bitly.com/oKDnD>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

LUCKHURST, T. Conferência de Yalta: o encontro em que 3 homens redesenharam o mundo há 75 anos. BBC News, [S.l.], 4 fev. 2020. Disponível em: <<https://bityli.com/PgLOf>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

MARSHALL, T. *Prisioneiros da geografia*: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MARTINELLI, M.; GRAÇA, A. J. S. Cartografia temática: uma breve história repleta de inovações. *Revista Brasileira de Cartografia*, Uberlândia, v. 67, n. 4, p. 913-928, 2011. Disponível em: <<https://bityli.com/Dqdil>>. Disponível em: 08 jul. 2020.

MODE, PJ. *Persuasive cartography*: the PJ Mode collection. Cornell University Library [2017?]. Disponível em: <<https://persuasivemaps.library.cornell.edu/>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

MONMONIER, M. *How to lie with maps*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

OLIVEIRA, A. U. A mundialização do capitalismo e a geopolítica mundial no fim do século XX. In: ROSS, J. L. S. (org.). *Geografia do Brasil*. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, P. J.; ALMEIDA, J. A. P. *Cartografia temática*. São Cristóvão: CESAD, 2009. Disponível em: <<https://bityli.com/ABOGY>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

ROSOLÉM, N. P. Um breve histórico sobre os estudos da semiologia gráfica no Brasil. *Geografia*, Londrina, v. 26, n. 1, p. 49-61, jan./jun., 2017. Disponível em: <<https://bityli.com/KbMyo>>. Acesso em: 09 jul. 2020.

SERVELO, L. E. *Cartografia analógica e digital*. [201-?]. Slide. Disponível em: <<https://bityli.com/ncsHh>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

TEIXEIRA, A. L. A.; MORETTI, E.; CHRISTOFOLETTI, A. *Introdução aos sistemas de informação geográfica*. Rio Claro: Edição do Autor, 1992.